

HEGEMONIA DISCURSIVA SOBRE A COREIA DO NORTE NA IMPRENSA BRASILEIRA

Pedro Augusto Marin (IC) e Denise Paiero (Orientadora)

Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo

Este trabalho de iniciação científica examina o discurso de alguns grandes veículos de comunicação brasileiros em relação à República Popular Democrática da Coreia (RPDC), ou Coreia do Norte. A pergunta que se pretendeu responder neste trabalho foi: Quais são os discursos hegemônicos nos grandes veículos de mídia brasileiros em relação à República Popular Democrática da Coreia? Assim, busquei contribuir para discutir o papel da mídia na construção de estereótipos, dando subsídios para a reflexão em busca de um jornalismo mais transparente, comprometido com a verdade e humano. Por meio de uma análise quantitativa de 90 notícias, recolhi dados relevantes que demonstram a existência de um bloco discursivo hegemônico na imprensa brasileira em relação à República Popular Democrática da Coreia, bem como uma centralização nas grandes agências de notícias internacionais no que se refere à reprodução de notícias no Brasil. A partir desses dados, desenvolvi uma análise crítica desses discursos hegemônicos, com o fim de prover uma base para a construção de um jornalismo menos ideologicamente afetado e, de fato, mais imparcial e informativo. Por fim, realizei também a análise de alguns casos especialmente problemáticos no que se refere a estes discursos hegemônicos, com o objetivo de fornecer uma análise que possibilite uma discussão aberta em relação aos problemas apontados neste trabalho.

Palavras-chave: Mídia. Política Internacional. Coreia do Norte.

Abstract

This undergraduate research examines the discourse of a part of the Brazilian media when it comes to the Democratic People's Republic of Korea (DPRK), or North Korea. The question this research wishes to answer is, foremost: What's the hegemonic discourses in the Brazilian mainstream media when it comes to DPRK? Thus, I sought to contribute in the discussion the role played by the media in manufacturing stereotypes, giving ground to a reflexion in pursuit of a more transparent journalism, comitted to the truth and the human being. Through a quantitative analysis of 90 news pieces I collected relevant data that prove the existence of a hegemonic discursive bloc in the Brazilian media when it comes to the DPRK, as well as a centralization in the big news agencies regarding the reproduction of news in Brazil. From these data I developed a critical analysis of such hegemonic discourses,

seeking to provide a basis for a less ideologic journalism, and truly impartial and informative. Lastly, I also provide an analysis of some especially problematic cases, seeking to provide an analysis that potentially allow an open discussion regarding the problems pointed out by this research.

Keywords: Media. International Politics. North Korea.

Introdução

A República Popular Democrática da Coreia, ou Coreia do Norte, constitui um polo geopolítico fundamental na Ásia. O país funciona como *buffer zone* (zona-tampão), ou seja, é o território que separa as tropas americanas estacionadas na Coreia do Sul do território da China. Além disso, de acordo com Cummings (2003, p. 8),

foi a Guerra da Coreia [...] que inaugurou orçamentos de defesa historicamente sem precedentes [nos EUA] (o orçamento quadruplicou de junho para dezembro de 1950, de 13 bilhões de dólares para 54 bilhões de dólares, ou mais de 500 bilhões de dólares em valor corrente) e construiu o estado de segurança nacional interno e o extenso arquipélago de bases militares externas [...]

De acordo com Lim e Seo (2009, p.1),

a opinião pública é suscetível à forma como um governo e os veículos midiáticos enquadram países estrangeiros, porque, diferentemente das questões domésticas, notícias internacionais estão tipicamente além da experiência direta de uma pessoa.

Desta maneira, levando em consideração a observação de Visentini, Pereira e Melchionna (2015, p.15) de que o país é um dos mais desconhecidos e, ainda assim, caricaturizados de toda a história, torna-se relevante tanto à população brasileira como à norte-coreana que as informações que recebemos sobre o país sejam precisas. De acordo com os autores,

[...] Isso decorre tanto da carência de informações como de desenvolvimentos inesperados de um pequeno país totalmente encravado entre grandes potências, o qual, em decorrência da Revolução Chinesa, adquiriu súbita importância estratégica. [...] O fato de haver sobrevivido à guerra de extermínio (1950-1953), o primeiro conflito que os Estados Unidos não venceram, bem como ao próprio fim da Guerra Fria, ocorre uma demonização permanente, com uma sistemática campanha de desinformação e ridicularização do país.

Alguns fatos específicos revelam o tamanho do problema: no ano de 2014, durante a realização da Copa do Mundo no Brasil, foi publicado, em veículos como CBC (Canadá) e Metro (Reino Unido), que o governo norte-coreano estaria mentindo a seu povo, ao veicular reportagens em que o país – que nem sequer participava da competição – venceria no gramado seus principais oponentes do campo geopolítico. A evidência que sustentou a publicação da notícia foi um vídeo falso, criado pelo blogueiro brasileiro Mauricio Cid.

A notícia, publicada no Brasil em veículos como R7 no dia 13 de julho de 2014¹, revela uma tendência viciosa no que se refere à forma como a Coreia do Norte é vista pelos jornalistas. Diz o texto:

Alguns disseram que o vídeo é falso, embora as imagens sejam convincentes e tenham o estilo visual das peças de propaganda do governo da Coreia do Norte. Os jornais que afirmaram que o vídeo é verdadeiro apontaram que enganar a população é uma forma do governo tentar reverter o que aconteceu na Copa de 2010, quando a seleção norte-coreana tomou uma goleada de 7 a 0 para Portugal, mostrada ao vivo no país.

Ainda de acordo com Vizentini e Pereira (2014), essa campanha de desinformação e ridicularização é fruto da

[...] contínua criação política de narrativas ideológicas caricaturais promovidas por atores Ocidentais. Mesmo no meio acadêmico, constitui um tema tabu, o que prejudica a análise de processos em curso, que passam despercebidos. Apesar de considerada um fóssil da Guerra Fria, sempre no limite do colapso, o que se observa é uma população que demonstra vitalidade e um hábil regime que domina a arte da política e da diplomacia.

Dessa forma, a campanha não tem como ponto de partida somente os EUA; fenômeno já observado por Cummings (2004. p. 9), tendo também a imprensa brasileira como sua difusora. Não é raro, por exemplo, que veículos brasileiros tratem líderes norte-coreanos com adjetivos como “ditador sanguinário” ou “ladrão e assassino”, ao dizer que o povo norte-coreano “passa fome” e que é mantido sob lavagem cerebral, tratando o país como uma caixa mágica de fatos sórdidos, desconsiderando fatores históricos, geográficos e econômicos do país:

[...]. As dificuldades em utilizar a posição geopolítica para barganhar assistência econômica nesse novo contexto de esfriamento da Guerra Fria, combinadas ao aprofundamento da crise soviética e às reformas (Perestroika), afetaram substancialmente a economia norte-coreana. O impacto foi grande quando, em 1987, a URSS introduziu o comércio baseado em preços internacionais e moedas conversíveis, bem como cortou grande parte da assistência econômica ao país, levando o governo a reduzir ainda mais a quantidade de alimentos distribuídos pelo SDP em 10%, o que agravou a escassez de alimentos que vivia o país.

¹ R7. **Vídeo bizarro que circula na internet põe Coreia do Norte na fase final da Copa.** Disponível em: <<http://esportes.r7.com/futebol/copa-do-mundo-2014/video-bizarro-que-circula-na-internet-poe-coreia-do-norte-na-fase-final-da-copa-13072014>>. Acesso em: 28 out. 2015.

Tendo em vista o fato de que o Brasil atualmente mantém relações internacionais com a Coreia do Norte, sob o artigo 4º da Constituição de 1988, que determina, no relacionamento do Brasil com outros países e organismos internacionais multilaterais, os princípios da não-intervenção, da autodeterminação dos povos, da cooperação internacional e da solução pacífica dos conflitos, faz-se necessário analisar o discurso sobre o país em nossa imprensa e entender quais reflexos esse discurso tem ou pode ter sobre a opinião pública. De acordo com Sodré, (1999, p.17)

do ponto de vista da coleta de informações, particularmente as do exterior, os grandes jornais se assemelham, todos servindo-se de agências internacionais de notícias. As emissoras de televisão recebem, quase todas, os mesmos filmes, relacionados aos fatos do exterior e isso mostra como os nossos grandes jornais são dependentes das agências internacionais de notícias, de que, em alguns casos, procuram se emancipar, mantendo correspondentes no exterior, primeiro sinal de fuga a essa dependência.

De acordo com relatório da UNESCO (2014, pg. 55),

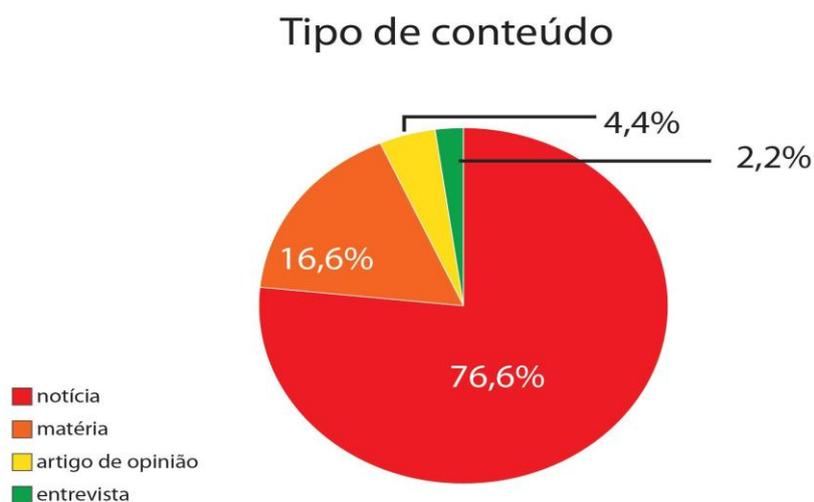
A crise financeira teve um impacto desigual na mídia e parece ter precipitado um complexo rearranjo de recursos. Pesquisas anteriores à crise financeira global já indicaram diminuição da reportagem original em muitas cadeias televisivas e concentração crescente no sistema global de vendas de notícias, enquanto as maiores agências de notícias e canais permaneceram influentes. A convergência de plataformas também parece ter aumentado a dependência de organizações midiáticas em relação a fornecedores por atacado de conteúdo de mídia e em distribuidores terceiros de seu conteúdo embalado.

Outro possível motivo que justifique a publicação deste tipo de conteúdo é a dificuldade com a qual os veículos ocidentais devem lidar para acessar o país. Atualmente, somente a AP mantêm escritório no país² e, ainda assim, fica localizada no mesmo espaço da agência de notícias estatal.

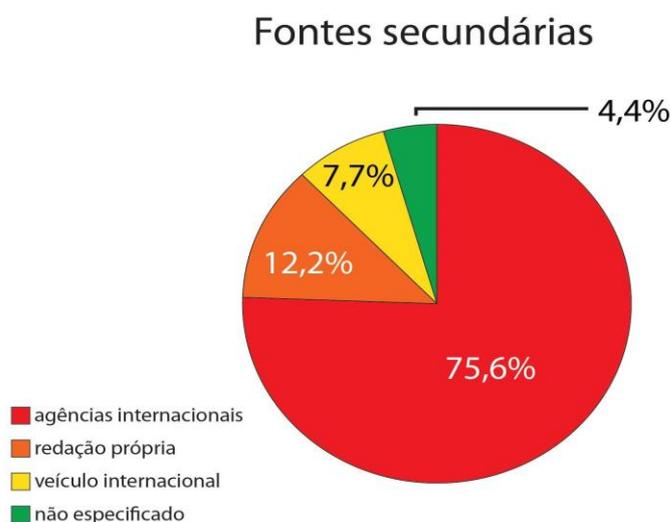
² DANISZEWSKI, John. **AP opens full news bureau in North Korea**. Disponível em: <<http://www.ap.org/Content/AP-In-The-News/2012/AP-opens-full-news-bureau-in-North-Korea>>. Acesso em: 30 out. 2015.

Análise das notícias

O primeiro passo desta pesquisa consistiu de uma coleta quantitativa de dados, a partir de textos jornalísticos publicados nos sites d'O Estado de São Paulo, Uol e Folha de São Paulo, entre 04 de janeiro de 2015 e 02 de março de 2016. Do total de 90 textos analisados, 69 foram notícias, 15 foram matérias, 4 foram artigos e 2 foram entrevistas.

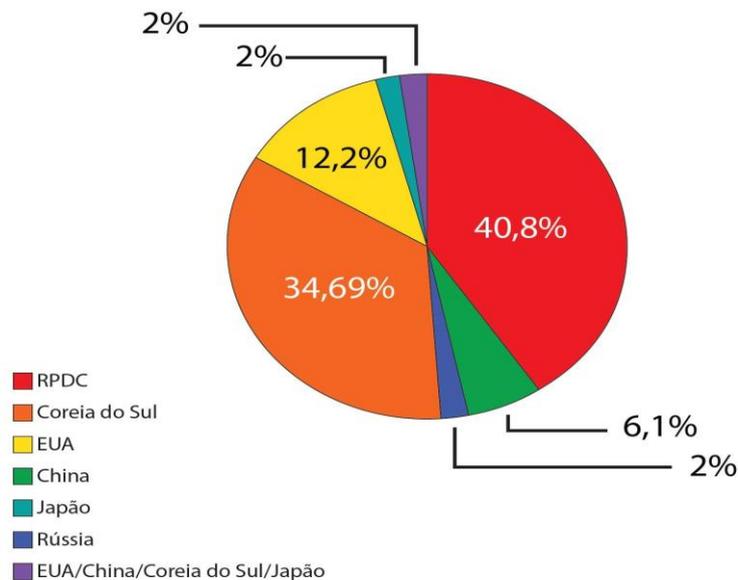


É importante notar que a afirmação de Sodré (1999, p.17) e a do relatório da Unesco de 2014 em relação ao uso de agências internacionais de notícias mencionada na introdução deste artigo se confirmou durante a pesquisa. No que se refere à fonte secundária, somente 22 das publicações não tinham como fonte grandes agências internacionais de notícias (sendo que destas, 6 tiveram como fonte publicações estrangeiras).



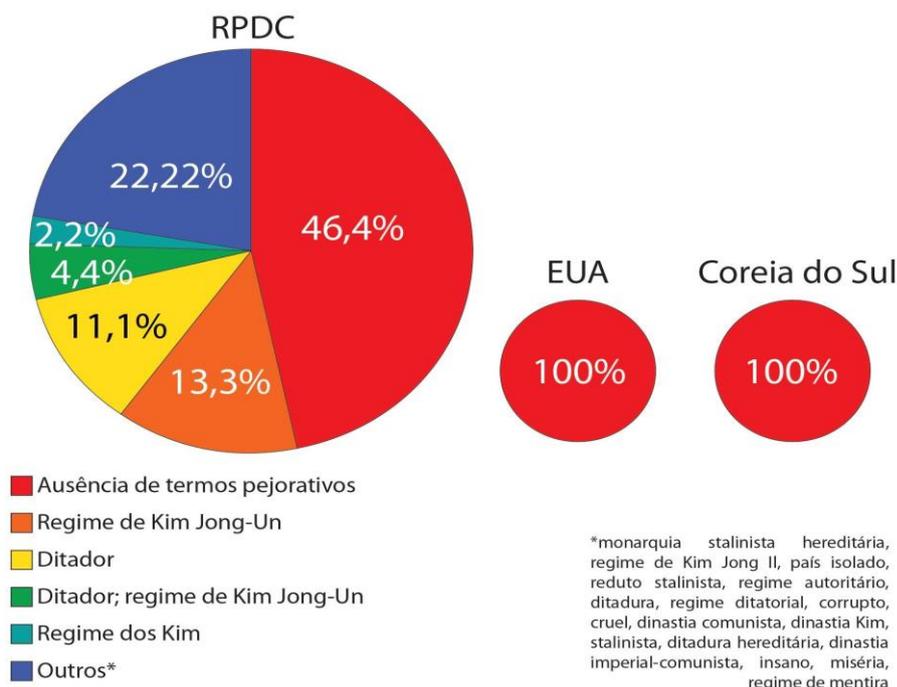
No que se refere às fontes primárias (como fonte primária entende-se aqui a fonte da informação que leva à construção da notícia), 49 dos 90 conteúdos tiveram governos, autoridades ou veículos oficiais como fontes primárias.

Fontes primárias - Governos/Veículos oficiais



Apesar de um aparente equilíbrio no que se refere às fontes primárias, já que a RPDC, China e Rússia dividem a porcentagem com Coreia do Sul, Estados Unidos e Japão, há um total desequilíbrio no que se refere ao uso de termos pejorativos para descrever os governos ou autoridades dos países. Enquanto que nenhuma das notícias analisadas continha algum termo pejorativo para descrever o governo dos Estados Unidos ou da Coreia do Sul, mais da metade delas (53%) continham termos pejorativos em relação ao governo norte-coreano ou seus líderes.

Presença de termos pejorativos



Argumento

À primeira vista pode parecer justo, inclusive na academia – que como Visentini descreveu, muitas vezes encara a Coreia do Norte como um tema tabu -, que se trate a RPDC como uma “ditadura”, um “regime hereditário” ou uma dinastia.

Formalmente, o governo norte-coreano apresenta-se com um sistema político de Democracia Popular, guiado pela Ideia Juche e pela Política Songun, cuja soberania reside nos trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais, e todo o povo trabalhador. A Constituição norte-coreana estabelece ainda que os órgãos de Estado da RPDC funcionam e se formam sob o princípio do centralismo democrático, cujos representantes são eleitos sob o princípio de sufrágio direto, universal e igual, por meio de votos secretos³. (1972, p. 3)

Para tratar da primeira acusação (a de que a Coreia constitui uma ditadura) há de se pensar, antes de tudo, na tarefa do jornalista e dos jornais. A discussão referente às definições dos regimes democráticos ou ditatoriais cabe, em última instância, à Ciência

³ REPÚBLICA POPULAR DEMOCRÁTICA DA COREIA. **Constituição Socialista da República Popular Democrática da Coreia**. República Popular Democrática da Coreia, Disponível em: <https://www.constituteproject.org/constitution/Peoples_Republic_of_Korea_1998.pdf?lang=en>. Acesso em: 13 fev. 2017.

Política. Ocorre que estas definições não são exatas e imóveis, variando de acordo com o ponto de vista do enunciador e do sistema ideológico adotado na análise.

Para os marxistas-leninistas, por exemplo, tratar de “democracia” e de “ditadura” em um sentido absoluto é um erro, dado que o fundamental, para estes, é o caráter de classe da organização do sistema político, de forma que uma “ditadura proletária” sobre a burguesia é, do ponto de vista metafísico, mais democrática do que uma “democracia burguesa” formal (considerados por estes essencialmente uma ditadura) sobre o proletariado⁴. Neste sentido, em seu “Juche Based Politics”⁵ (1992, p. 37), Li Jin Gyu define da seguinte forma a democracia capitalista:

A exploração burguesa e a opressão são astuciosamente camufladas. O capitalista aparenta comprar o trabalho do trabalhador quando na realidade compra sua força de trabalho. Ele parece conceder alguns favores quando espreme mais-valia do trabalhador. O mesmo pode ser dito da política. O sufrágio geral, governo representativo, separação de poderes, um sistema multipartidário e outras formas de governo democrático estão lá. Tudo isso dá a impressão de que as massas tomam parte no governo. O sufrágio universal encobre o status político no qual as massas ainda não tem nenhum direito, o governo representativo camufla a dominação política por uma minoria, a separação de poderes disfarça a vantagem da classe dominante, o sistema multipartidário cobre a atividade política suprimida das massas. Em resumo, tudo isso serve para criar a impressão que a democracia está em prática sob o sistema capitalista.

A definição é completamente diferente da de Bobbio, que considera o Estado liberal um pressuposto do Estado democrático⁶. É importante, portanto, compreender que a imprensa brasileira, ao reforçar que a RPDC constitui uma ditadura, o faz a partir de uma profunda afetação político-ideológica, no geral não anunciada. A imprensa brasileira não parece se esforçar para adotar uma posição de neutralidade política ou imparcialidade quando trata do país, nem sequer de gerar uma discussão aberta quanto ao seu sistema político-econômico. O extensivo uso de adjetivação reforça certas concepções (de que não

⁴ LÊNIN, V. I.. **Teses e Relatório Sobre a Democracia Burguesa e a Ditadura do Proletariado**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/03/04.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

⁵

⁶ VITULLO, Gabriel; SCAVO, Davide. **O liberalismo e a definição bobbiana de democracia: elementos para uma análise crítica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522014000100004>. Acesso em: 12 fev. 2017.

há “democracia” ou participação popular nos rumos da RPDC, por exemplo) ao passo que não as colocam em debate abertamente.

O dicionário Aurélio (1999, pg. 620) define a democracia da seguinte forma:

1. Governo do povo; soberania popular; democratismo. 2. Doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder, ou seja, regime de governo que se caracteriza, em essência, pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão dos poderes e pelo controle da autoridade. [...]

Ao menos do ponto de vista formal, o sistema político da RPDC se encaixa na definição do dicionário. Se há alguma contradição entre o discurso oficial norte-coreano e a realidade concreta do país nesse sentido, portanto, cabe à imprensa fornecer provas para fazer as afirmações que faz.

Dessa forma, e tendo como base os resultados em relação ao uso de termos pejorativos nas notícias sobre o país, é possível afirmar que há um bloco discursivo hegemônico na imprensa brasileira no que se refere à RPDC, que se caracteriza pela crítica à alegada falta de democracia no país, com vistas a deslegitimar o sistema político-econômico adotado pelo país, bem como seus líderes.

A relevância de tal observação, para além da formalidade da existência de um trabalho que levante estes pontos, é o entendimento de que tarefas cumpriram tais discursos na história. Já nos anos 50 (Cummings, 2004, pg. 11), durante a guerra da Coreia, o New York Times dizia, em editorial, que:

O líder titular do regime fantoche da Coreia do Norte e pretense comandante dos exércitos norte-coreanos é Kim Il Sung, um gigante de 38 anos da Coreia do Sul, onde é procurado como fugitivo da justiça. Seu nome real é supostamente Kim Sung Chu, mas ele trocou seu nome pelo de um lendário herói revolucionário coreano... e muitos coreanos aparentemente ainda acreditam que é seu herói ‘original’ e não um impostor que lidera a Coreia do Norte

O discurso de deslegitimação do líder era acompanhado, também, pelo discurso do barbarismo, que por vezes se fortalecia de considerações racistas – discurso muito presente hoje na imprensa quando se trata do “perigo” das bombas nucleares norte-coreanas, apesar de hoje adaptado à “loucura” do líder, sem as afirmações racistas. De acordo com Cummings (2004, pg. 12), o editor militar do The New York Times, Hanson Baldwin, na edição de 14 julho de 1950, dizia que os norte-americanos estavam enfrentando “um exército de bárbaros [...] habilidosos no tipo de guerra que lutam, como as hordas de

Genghis Khan [...] eles se espelham no livro nazista da blitzkrieg e estão usando todas as armas do medo e terror”.

Ainda em seu artigo, Baldwin consideraria que participavam da luta “mongóis, asiáticos soviéticos e uma variedade de raças [...] alguns dos povos mais primitivos que existem”. (Ibid)

De acordo com Cummings (2004, pg. 14), “tais atitudes moldaram a batalha, levando milhões de jovens soldados americanos a um inimigo contra quem eles estavam despreparados para lutar, um inimigo que lutava com rara coragem, tenacidade e destreza”.

De acordo com Chomsky (1997, pg. 35), quando se trata de propaganda na mídia,

Também se faz necessário falsificar a história completamente. Esta é outra forma de superar estas inibições doentias, para fazer parecer que, quando nós atacamos e destruímos alguém, nós estamos na realidade protegendo e defendendo nós contra grandes agressores e monstros [...]

Não é de se espantar, portanto, que 78% da população norte-americana tenha opiniões desfavoráveis em relação à RPDC⁷, dos quais 61% tem posições “muito desfavoráveis” em relação ao país, e que quase 2/3 sejam favoráveis ao uso da força contra o país no caso de um conflito sério com algum aliado asiático dos EUA.

No que se refere à acusação de que a República Popular Democrática da Coreia constitui uma dinastia ou um “regime hereditário”, cabe ressaltar que não há em nenhuma instância jurídica do país menções à obrigatoriedade de se eleger representantes filhos de representantes. Também de forma paradoxal, é importante lembrar um estudo da ONG Transparência Brasil⁸, que demonstra que nas eleições brasileiras de 2014, 49% dos deputados federais eleitos tinham algum laço familiar com outro político. A pesquisa demonstra ainda que no Estado do Rio Grande do Norte, 100% dos deputados federais eleitos eram filhos, netos, cônjuges, irmãos ou sobrinhos de político.

De acordo com Visentini⁹, a ideia de sucessão na RPDC nasce na década de 70, frente à aproximação entre a China e os Estados Unidos. O autor relembra, no entanto, que

⁷ POUSHTER, Jacob. **Americans hold very negative views of North Korea amid nuclear tensions**. Disponível em: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/05/americans-hold-very-negative-views-of-north-korea-amid-nuclear-tensions/>>. Acesso em: 07 mar. 2017

⁸ SCHOENSTER, Lauren. **Clãs políticos seguem dominando Congresso na próxima legislatura**. Disponível em: <http://excelencias.org.br/docs/parentes_2015-2018_vf.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2017.

⁹ LIVROS 118: A Revolução Coreana - Paulo Visentini. [s.i]: Univesp Tv, 2015. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5gg6BN8Ngrg>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

não se trata de uma sucessão hereditária “legitimada”, no sentido de que a RPD da Coreia é uma república. Ele diz ainda que a ideia de sucessão demorou ao menos quinze anos para ter a aceitação total do Partido do Trabalho da Coreia e do Exército.

Estudo crítico de casos

1. O peso de Kim Jong Un

Os dados recolhidos para esta pesquisa revelam uma tendência, na imprensa brasileira, no que se refere à reprodução de discursos políticos e, por vezes, de estereótipos sobre a Coreia do Norte. Há casos, no entanto, que saltam aos olhos. No dia 23 de novembro de 2016, por exemplo, o Jornal da Record News veiculou uma matéria¹⁰ sobre uma suposta pressão por parte da Coreia do Norte contra a China para que a última censurasse pesquisas relacionadas ao peso do líder norte-coreano, Kim Jong-Un. O apresentador do telejornal, Heródoto Barbeiro, introduziu a matéria da seguinte forma:

O ditador da Coreia você conhece, é aquele gordinho chamado Kim Jong-Un. Pois é, não sei porquê, o homem está engordando, está ganhando uns quilinhos a mais; por isso ele decidiu pedir ajuda à China [...] o que ele quer que os chineses façam é censura.

Na matéria, que conta com diversos *inserts* de animações retratando Kim Jong-Un comendo doces e, inclusive, vomitando, uma narradora diz que “para não criar problema com o filhinho da mamãe, a China atendeu ao desejo de Kim [...] o assunto parece incomodar bastante o líder fofinho [...] Por aqui nós vamos continuar pegando no pé do líder “não-me-toques””.

Por fim, o âncora Heródoto Barbeiro arremata “Você acha que uma reportagem como essa passaria na Coreia do Norte? Sabe o que ia acontecer com os editores daqui? - Vocês iam todos para fuzilamento. Se passa aqui é porque obviamente é um país democrático”.

Como foi demonstrado, é comum que nos conteúdos jornalísticos sobre a RPDC na imprensa brasileira haja a presença de termos pejorativos para retratar o país, seu governo ou seu líder. A matéria veiculada na Record News, no entanto, usa, repetidamente, termos abertamente vexatórios, o que transforma o aspecto jornalístico da matéria em mero material de entretenimento. É interessante notar, também, que a matéria toma uma posição

¹⁰ NEWS, Jornal da Record. **Veja a íntegra do Jornal da Record News desta quarta-feira (23)**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/record-news/jornal-da-record-news/videos/veja-a-integra-do-jornal-da-record-news-desta-quarta-feira-23-24112016>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

aberta, ao veicular que aquele telejornal em específico “continuará a pegar no pé” do líder norte-coreano. O comentário final do âncora também vai neste sentido: ele opina que, se este tipo de reportagem fosse veiculada na Coreia do Norte, os responsáveis seriam fuzilados, e arremata dizendo que se ela é veiculada no Brasil, é porque trata-se de um país democrático.

Ridicularização, espetacularização, demarcação político-partidária, deslegitimação do outro e autolegitimidade; todos esses aspectos, presentes na matéria veiculada pela Record News, foram apontados como característicos do discurso político do sujeito enunciativo midiático no artigo “Discursos, Mídia e Política: Da Utopia ao Caos sob análise”, do Professor Welisson Marques (2013).

2. Terra do unicórnio

No mês de novembro de 2012 emergiram em diversos veículos nacionais e internacionais notícias sobre o governo norte-coreano ter confirmado a existência de unicórnios. A manchete da revista Time diz, sob a alcunha de “bizarro”; “Existência de unicórnios provada, diz Coreia do Norte”¹¹.

A revista Veja¹², por sua vez, deu a seguinte manchete: “Novo disparate da Coreia do Norte: unicórnios existem”, sobre o seguinte lead:

velhas conhecidas pela fabricação de verdades históricas, as ditaduras comunistas sempre foram prolíficas na invenção de mitos que pudessem engrandecer suas ideologias e ditadores. O esquizoide governo norte-coreano, que nunca fugiu a essa regra, conseguiu se superar neste fim de semana. Em nova tentativa de mitificar uma pretensa superioridade do povo norte-coreano, a agência estatal da Coreia do Norte, KCNA, anunciou a comprovação da existência de unicórnios.

A informação, no entanto, é falsa¹³. O que a Agência de Notícias Central da Coreia (KCNA) havia informado de fato¹⁴ é que arqueólogos do Instituto de História da Academia de

¹¹ TIME. **Unicorns' Existence Proven, says North Korea**. Disponível em: <<http://newsfeed.time.com/2012/11/30/unicorns-existence-proven-says-north-korea/>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

¹² VEJA. **Novo disparate da Coreia do Norte: unicórnios existem**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/novo-disparate-da-coreia-do-norte-unicornios-existem/>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

¹³ IO9. **No, the North Korean government did not claim it found evidence of unicorns**. Disponível em: <<http://io9.gizmodo.com/5964879/no-the-north-korean-government-did-not-claim-it-found-evidence-of-unicorns>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

Ciências Sociais da RPDC haviam descoberto um sítio histórico onde, de acordo com a história coreana, o Rei Tongmyong, fundador do Reinado Koguryo, teria escondido um Qilin, criatura mística coreana. Como argumentou o estudante de sociologia e membro do Centro de Estudos da Ideia Juche, André Ortega, em entrevista à CartaCapital¹⁵, “É como falar que a Garganta do Diabo, aqui no Brasil, é a prova da existência do diabo. Não tem sentido.”

3. Hackers norte-coreanos e “A Entrevista”

Em novembro de 2014 o estúdio cinematográfico Sony Pictures sofreu um ciberataque, levando alguns veículos a especularem que a razão da invasão era o lançamento do filme “A Entrevista”, cujo *plot* consistia na aventura de dois jornalistas norte-americanos instruídos a matar o líder norte-coreano Kim Jong-Un.

Após as primeiras reações midiáticas nesse sentido, o grupo responsável pelo ataque, autodenominado “Guardiões da Paz”, publicou mensagens em fóruns da internet, ameaçando realizar ataques à bomba em salas de cinema que exibissem o filme.

O caso logo tomou grande repercussão, e a tese de que a RPDC era responsável pelo ataque— até então eventualmente sugerida — foi amplamente difundida.

O FBI abriu uma investigação e chegou à conclusão de que o ataque havia sido feito pelo governo norte-coreano, o que motivou a aplicação de novas sanções contra o país pela administração Obama, que classificou o corrido como uma “séria questão de segurança nacional.”

Diversos especialistas em segurança virtual, no entanto, desconfiaram da tese e criticaram a tese do FBI¹⁶, dizendo que nenhuma prova concreta e objetiva tinha sido fornecida nos relatórios.

Mesmo dois anos após o ocorrido, especialistas continuavam duvidando que a RPDC tenha sido responsável pelo ataque, e criticando a falta de provas por parte do FBI.¹⁷

¹⁴ IO9. **In news that is indisputably, 100% true, North Korea found a "unicorn lair"**. Disponível em: <<http://io9.gizmodo.com/5964758/in-news-that-is-indisputably-100-true-north-korea-has-unicorns>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

¹⁵ CARTACAPITAL. **Jovens brasileiros disseminam apoio à Coreia do Norte**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/jovens-brasileiros-disseminam-apoio-a-coreia-do-norte>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

¹⁶ BIDDLE, Sam. **A Lot of Smart People Think North Korea Didn't Hack Sony**. Disponível em: <<http://gawker.com/a-lot-of-smart-people-think-north-korea-didnt-hack-sony-1672899940>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

Ironicamente, parte das informações obtidas com a invasão da empresa foram disponibilizadas posteriormente no site Wikileaks, e revelaram reuniões entre representantes da companhia com oficiais do governo norte-americano para criar narrativas contra países ou organizações rivais; formalmente, Rússia e Estado Islâmico.

No dia 17 de abril de 2013, por exemplo, o oficial do Departamento do Estado Richard Stengel enviou a seguinte mensagem¹⁸ ao CEO da Sony, Michael Lynton:

Como você pôde ver, nós temos muitos desafios no que se refere a contrariar as narrativas do EI no Oriente Médio e as narrativas russas na Europa central e oriental [...] E não é algo que o Departamento de Estado possa fazer por si só, de maneira nenhuma. Seguindo com a nossa conversa, eu adoraria reunir um grupo de executivos da mídia que possam nos ajudar a pensar em melhores formas de responder a ambos os imensos desafios. Trata-se de uma conversa sobre ideias, sobre conteúdo e produção, sobre possibilidades comerciais. Eu lhe prometo que será interessante, divertido e recompensador.

Ao contrário da alegada invasão norte-coreana ao estúdio, realizada supostamente para impedir o lançamento de um filme, a comprovada tentativa por parte do governo norte-americano em se utilizar de executivos da mídia para criar “contra-narrativas” em relação a seus rivais teve pouco ou nenhum espaço nos veículos tradicionais, tanto norte-americanos como brasileiros.

Considerações finais

Apesar de não ter conseguido realizar a tempo um dos processos que desejava, de coleta de formulários com alunos de jornalismo – processo que poderia fornecer ao trabalho uma amostra dos efeitos da cobertura midiática da imprensa brasileira em relação à Coreia do Norte -, o trabalho cumpriu a função de identificar o discurso hegemônico de nossa imprensa em relação ao país.

¹⁷ SZOLDRA, Paul. **A hacker explains why you shouldn't believe North Korea was behind the massive Sony hack.** Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/north-korea-sony-hack-2016-6>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

¹⁸ WIKILEAKS. **Re: Thanks and Moving Forward.** Disponível em: <<https://wikileaks.org/sony/emails/emailid/133736>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

É uma verdade que se faz necessário mencionar, também, que alguns dos materiais recolhidos na parte quantitativa desta pesquisa tinham o mérito de informar de forma imparcial e para além das declarações oficiais dos países ocidentais ou de seus aliados. Houveram até casos onde o texto jornalístico transpareceu o desejo do jornalista de entender a Coreia do Norte, seus cidadãos ou seu governo sob uma perspectiva profundamente humanista. Esses casos, no entanto, foram minoritários. Esta pesquisa quantitativa, por razões de metodologia e busca por conclusões objetivas, infelizmente ainda não demonstra a totalidade do problema – ainda que os dados recolhidos já sejam suficiente para impressionar aqueles que se preocupam com a ética no fazer jornalístico. É sabido, afinal, que muitas vezes é de forma subjetiva que os discursos político-ideológicos são propagados. É importante notar que a ausência de termos pejorativos não significa a construção de uma matéria imparcial, portanto.

O fato é que, neste caso, se revela de maneira cristalina o caráter ironicamente totalitário dos discursos midiáticos em defesa da democracia. Se estabelece e se repete na imprensa que a Coreia do Norte constitui uma ditadura, tornando-a portanto desprezível, enquanto que os países ocidentais ou os alinhados a estes no campo geopolítico (mais especificamente os Estados Unidos, a Coreia do Sul e o Japão e, em parte, também nosso próprio país) constituem uma democracia. O que fica evidente com essa repetição é que a imprensa como um todo está absolutamente embriagada ideologicamente, ao passo que acusa a RPDC deste pecado. A razão é óbvia: se estabelece o que é e o que não é democrático sem que se deixe transparecer sob quais critérios se formulam estas categorias. Como descrevi ao longo do trabalho, as categorias de “democracia” e “ditadura” dependerão em última instância da ótica de quem as define. Para os marxistas, a ditadura do proletariado sobre a burguesia é metafisicamente mais democrático do que uma democracia burguesa.

De qualquer maneira, se a pesquisa não é suficiente para demonstrar a totalidade do problema, muito menos é capaz de apresentar uma solução. De fato, somente em um ambiente norteado pela neutralidade ideológica absoluta e onde prevalecesse as boas relações entre os países do globo, independente de disputas econômicas e/ou políticas, é que se poderia ter um retrato fiel dos problemas políticos enfrentados. E mais uma vez somos catapultados para o pantanal da ironia: boa parte do que hoje conhecemos como jornalismo se estabelece no século 19, sob uma concepção que entendia os jornais e os jornalistas como porta-vozes abertos de determinado grupo, partido ou posição política. Essa concepção foi, em tese, substituída pelo modelo anglo-americano; um formato de jornalismo mais neutro e preocupado com os fatos. Este é hoje o modelo das redações de todo o globo, mas como esta pesquisa revela, as propostas quanto à neutralidade e a

preocupação com os fatos parecem ter se dissolvido (se é que de fato já foram aplicadas). Resta ao leitor um jornalismo que ergue monumentos à neutralidade e a verdade, enquanto sorrateiramente serve de égide para determinados grupos, países e interesses, fazendo de escudo inclusive as mentiras mais descaradas e absurdas. Resta aos jornais uma solução parcial: retornar às origens iluministas, declarando abertamente quais são suas posições. Assim, ao menos ficará claro ao leitor em nome de quem se escreve as manchetes. Por outro lado, a proposta é inútil sem a existência e a possibilidade de competição de jornais com posições divergentes.

Bibliografia

CUMMINGS, Bruce. **North Korea: Another Country**. New York: The New Press, 2004.

DELLAGNEZZE, René. **A Coreia do Norte e suas relações internacionais no mundo globalizado**. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13336>. Acesso em: 26 out. 2015.

GYU, Li Jin. **Juche Based Politics**. Tóquio: Korea University Press, 1992.

LIM, Jeongsub; SEO, Hyunjin. **FRAME FLOW BETWEEN GOVERNMENT AND THE NEWS MEDIA AND ITS EFFECTS ON THE PUBLIC: FRAMING OF NORTH KOREA**. 2009. Disponível em: <<http://ijpor.oxfordjournals.org/content/21/2/204.full.pdf+html>>. Acesso em: 23 out. 2015.

MARQUES, Welisson. **Discursos, Mídia e Política: Da Utopia ao Caos sob análise**. 2013. 16 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <<https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/129/108>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Blogueiro brasileiro ganha destaque com vídeo falso**. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/monitor-da-imprensa/blogueiro_brasileiro_ganha_destaque_com_video_falso/>. Acesso em: 28 out. 2015.

PECK, Brooks. **[Http://sports.yahoo.com/blogs/soccer-dirty-tackle/fake-north-korean-news-report-shows-world-cup-triumphs-over-japan--u-s--and-china-203939872.html](http://sports.yahoo.com/blogs/soccer-dirty-tackle/fake-north-korean-news-report-shows-world-cup-triumphs-over-japan--u-s--and-china-203939872.html)**. Publicado por Yahoo Sports. Disponível em: <<http://sports.yahoo.com/blogs/soccer-dirty-tackle/fake-north-korean-news-report-shows-world-cup-triumphs-over-japan--u-s--and-china-203939872.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 15.

UNESCO. **World Trends in Freedom of Expression and Media Development**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002270/227025e.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MELCHIONNA, Helena Hoppen. **A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche.** São Paulo: Unesp, 2015.

VIZENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292014000200176&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 28 out. 2015.

Contatos: revistaopera@gmail.com e denise.paiero@mackenzie.br